

# A aliança inglesa e a inércia nacional

Pretende-se ocultar a verdade à nação, dando vida nova às ideologias abjectas do século passado, — ideologias que já tiveram grandeza na sinceridade com que eram professadas, mas são hoje mortas e bem mortas, tanto para os exploradores assoldados nas quadrilhas partidárias, como para os que, fazendo da política uma arte nobre e desinteressada, procuram somente a verdade ao serviço do interesse nacional. Amigos! Não consintamos nós que, por um mal compreendido patriotismo, nos aliancemos, numa retórica obsoleta e ôca, com os que, fartos de mândibular, pretendem ainda explorar com um *in memoriam* de Portugal! Proclamemos serenamente que a salvação de Portugal há-de vir dos portugueses, ou não virá, pois não é de estrangeiros, cubiçosos do que nos resta ainda, que poderemos esperar o esforço resgatador!

As palavras do sub-secretário do Estado da Inglaterra, não as estranhemos, — nem tão pouco nos indignemos contra aqueles que, como o publicista francês Marcel Cheminade, numa revista que dirige Jacques Bainville, consideram Portugal *«un petit pays surveillé, entravé, protégé ou contrôlé, une curiosité historique»*, enfim.

A verdade, a repugnante mas incontestável verdade é que tudo quanto lá fora se diz em desabono de Portugal, ou é a rigorosa expressão da realidade ou não passa da tradução priorada de expressões saídas de bocas portuguesas. Não esqueçamos nunca que têm sido as nossas palavras tanto como os nossos actos o que mais desacreditaram Portugal no conceito das outras nações. São os nossos governantes e os nossos diplomatas, — satisfeitos e contentes com a mesquinhez da nossa vida actual, — pelos seus actos como pelas suas palavras os mais perfeitos pregoeiros da nossa inferioridade. Verificaram a decadência, — e que fizeram? Procuraram honestamente as suas causas para as debelar? Não. Trataram de cambiar as derradeiras migalhas da antiga riqueza para as oferecerem, trocadas em virtualhas, aos camaradas políticos.

Porque se desesperaram os patriotismos e reboaram os ecos da feira franca de S. Bento com exclamações de surpresa e terror, quando se verificou tremelicante a aliança da Inglaterra? Que fizeram os nossos estadistas para que essa aliança, deixando de convir apenas a Portugal, se transformasse numa ne-

A aliança inglesa  
cessidade vital igualmente para a Inglaterra internacional? Que fizemos para realçar aproveitámos a comunidade de interesse dem à Espanha? Como encaramos o regénio político de Mussolini? Quem deu Unidos da América do Norte no mundo Isto no concerto das nações. E resolvemos o problema financeiro e pro económica? Quem explorou as nossa nosso sub-solo? A quem empenharam ferro que seria a riqueza de qualquer realizar por D. João V para a Academia extraordinária de minas de ferro, feita elaboração de minas de ferro. Dep nos... Toda a actividade cessou. Q quem defendeu a cultura e o comércio crise tremenda que se aproxima?

E não falamos nas colónias. Qu listas de que não é com empregados p a cabo uma grande obra de civilizaçã Gritam, barafustam, lançam raios e co fazemos nós para que não mereçamos gnifica o ódio imbecil à Espanha ser vergonhosa? E que quer dizer a vener mos em particular, e adoramos, com que perdemos a fé nas razões da noss não reconhecemos com direito à auto mos e fomos grandes?

Mas então, oh partidários incon Cartago apossou-se de Roma, e já nã pendentes senão a boa graça e a prot É necessário, é forçoso que aliado fiél de Portugal até ao dia sòm prejudicarem os interesses do Reino L xemos iludir pelas vozes roucas de C tar mais um negócio. Não confiemos xemos embaixadas pelas palavras, palavra colónias fizeram uma roça a explora blema colonial é, acima de tudo, u Sim, Senhores. *«Politique d'abord!»* os outros poderão ser resolvidos.

# a e a inércia nacional

dade à nação, dando vida nova às ideologias eologias que já tiveram grandeza na sinceridade são hoje mortas e bem mortas, tanto para os quadrilhas partidárias, como para os que, fazendo esinteressada, procuram somente a verdade aos amigos! Não consintamos nós que, por um mal aliencemos, numa retórica obsoleta e ôca, com etendem ainda explorar com um *in memoriam* namente que a salvação de Portugal há-de vir ois não é de estrangeiros, cubiçosos do que nos erar o esforço resgatador!

ário do Estado da Inglaterra, não as estranha-ignemos contra aqueles que, como o publicista a revista que dirige Jacques Bainville, conside-rveillé, *entravé, protégé ou controlé, une curio-*

e mas incontestável verdade é que tudo quanto Portugal, ou é a rigorosa expressão da realidade ada de expressões saídas de bocas portuguesas. m sido as nossas palavras tanto como os nossos am Portugal no conceito das outras nações. São sos diplomatas, — satisfeitos e contentes com a al, — pelos seus actos como pelas suas palavras nossa inferioridade. Verificaram a decadência, — honestamente as suas causas para as debelar? s derradeiras migalhas da antiga riqueza para as has, aos camaradas políticos.

m os patriotismos e reboaram os ecos da feira mações de surpresa e terror, quando se verificou terra? Que fizeram os nossos estadistas para que ir apenas a Portugal, se transformasse numa ne-

cessidade vital igualmente para a Inglaterra? Como valorizámos a nossa vida internacional? Que fizemos para realçar as nossas ligações com o Brasil? Como aproveitámos a comunidade de interesses que, sobre muitos aspectos, nos prendem à Espanha? Como encaramos o ressurgimento da Itália transformada pelo génio político de Mussolini? Quem deu conta da preponderância dos Estados Unidos da América do Norte no mundo das finanças e da economia?

Isto no concêrto das nações. E que fizemos internamente? Porventura resolvemos o problema financeiro e procurámos restabelecer a nossa autonomia económica? Quem explorou as nossas quedas de água? Quem aproveitou o nosso sub-solo? A quem empenharam a serra do Ruboredo — uma serra de ferro que seria a riqueza de qualquer grande nação? O inventário mandado realizar por D. João V para a Academia de História dá contá de uma quantidade extraordinária de minas de ferro, de zinco, de estanho, de cobre, em perfeita elaboração naquele tempo. Depois os luzeiros da liberdade ofuscaram-nos... Toda a actividade cessou. Que fizemos nós para a restabelecer? E quem defendeu a cultura e o comércio dos nossos vinhos preciosos, contra a crise tremenda que se aproxima?

E não falamos nas colónias. Quando se convencerão os nossos colonias-listas de que não é com empregados públicos, mas com lavradores que se leva a cabo uma grande obra de civilização, como aquela que nos está destinada? Gritam, barafustam, lançam raios e coriscos contra quem nos ofende! Mas que fazemos nós para que não mereçamos as ofensas de quem quer seja? E que significa o ódio imbecil à Espanha senão a confissão tácita de uma impotência vergonhosa? E que quer dizer a veneração pela Inglaterra que todos desprezamos em particular, e adoramos, com miserável hipocrisia, em público, senão que perdemos a fé nas razões da nossa vida como nação e que, no íntimo, nos não reconhecemos com direito à autonomia em que durante sete séculos vivemos e fomos grandes?

Mas então, oh partidários incondicionais da aliança inglesa, — mas então Cartago apossou-se de Roma, e já não temos outra razão para vivermos independentes senão a boa graça e a protecção da Grã-Bretanha?

É necessário, é forçoso que nos não iludamos: — a Inglaterra será o aliado fiél de Portugal até ao dia somente em que os interesses de Portugal não prejudicarem os interesses do Reino Unido. Não tenhamos ilusões, não nos deixemos iludir pelas vozes roucas de Catilina que de S. Bento procura aproveitarmos mais um negócio. Não confiemos absolutamente na Inglaterra, não nos deitarmos embaixar pelas palavras, palavras, palavras dos que de Portugal e das suas colónias fizeram uma roça a explorar. O problema internacional como o problema colonial é, acima de tudo, uma questão política. «Politique d'abord?» Sim, Senhores. «Politique d'abord!» Resolvamos o problema político e todos os outros poderão ser resolvidos. Mas acabemos de vez com o predomínio

ignominioso das clientelas partidárias; mas não consintamos, primeiro, que as nossas aristocracias políticas sejam produto de uma selecção ao contrário, em que só triunfa quem não hesita em pôr a dignidade, o patriotismo, a consciência num prato da balança a fazer oiro com o prato das lentilhas.

Não é segredo para ninguém que, antes da guerra, a Grã-Bretanha negociára com a Alemanha a partilha amigável das colónias portuguesas. Depois veio a guerra, os interesses colocaram, frente a frente, a ânsia imperialista inglesa, contra a ânsia imperialista alemã. Venceu a Inglaterra, — as colónias alemãs saciaram por algum tempo a voracidade da Inglaterra que só não poderia consentir que a esquadra alemã protegesse eficazmente um comércio que ameaçava perturbar o comércio britânico. Guerra abominável, guerra dos mais sórdidos interesses, nunca houve nenhuma mais alheia do que esta a qualquer espiritualismo! Que o diga agora a França vitoriosa que perde a vitória dobrada pela mão da finança anglo-americana.

Mas, conhecedores do perigo que nos ameaçava, que fizemos nós para o inutilizar? Transportámos para as colónias a luta religiosa em que, na metrópole, alguns energúmenos nos haviam lançado. E enquanto abandonávamos descaravelmente as missões católicas portuguesas, substituídas em muitos pontos pelas chamadas missões laicas, permitíamos a invasão das missões protestantes de origem inglesa ou americana. Compreendia-se a fobia religiosa de que foram atacados na *propaganda* os corifeus da república: — o regalismo, tão pernicioso como a separação, fundindo muitas vezes os interesses da Igreja com os interesses do regime constitucional, permitiu que fôsem alvejados pelo mesmo ódio a religião e a monarquia.

A prática do governo devia-lhes ter feito compreender, porém, como era errado o caminho porque seguiam, se neles a razão nacional pudesse sobrelevar o culto feiticista dos princípios. Em frente da imperiosidade de se realizar a colonização de Angola e Moçambique deviam cessar todos os ódios. Pois já algum dia portugueses colonizaram (civilizaram!) sem o auxílio da Igreja Católica? Pois o que é de facto a história da civilização portuguesa senão um maravilhoso capítulo da história da Igreja? Há quem desanime perante a extensão formidável do nosso império colonial, — porque Portugal é pequeno, e são pouquíssimos os portugueses se os compararmos com a população mundial. Mas há hoje espalhados pelo universo sete ou oito milhões de portugueses, e foi com um milhão escasso que iniciámos e realizámos os descobrimentos. E foi com pouco mais que erguemos o Brasil ao nível das nações civilizadas. Mas o Brasil civilizou-se graças à sábia e prudente aliança dos comerciantes e soldados com os missionários. Pode a Alemanha enviar cem mil famílias para uma região que intente colonizar. Pode a Inglaterra prescindir do indígena, desprezá-lo, enxotá-lo para longe, porque a sua população lho permite. Portugal tem de atrair o indígena, ensinar-lhe a língua, ensinar-lhe a religião

A a  
dos portugueses, (que será, enquanto p  
enfim, até si. E como o há-de fazer senão  
todas as ansiedades e todas as preocupação  
em que *colonizar* era sinónimo de *catequizar*  
lhe deveremos atribuir? Os jesuitas que no  
ram sempre no ânimo dos indígenas com  
peito e o amor a Portugal. Não esqueçamo  
pleno século XVII reivindicaram para os in  
ropeias só concederam aos negros no sécul

Não é, porém, com a remessa de  
mente pelo refugio da politicagem nacional,  
continuar a fazer, que nós imprimiremos a  
tuguês que lhes falta ainda. Para que mante  
turo prejudicar? Não tenhamos dúvidas: —  
a integridade dos domínios portugueses! E  
não contemos absolutamente com a alianç  
mente valorizado o nosso esforço colonizad  
ses tão portugueses como os da metrópole  
gião, catequisando-os enfim. Não é com em  
se criam nações! A Inglaterra, sem empreg  
cambique pela opressão do rito escossês e  
rios que ensinam, com o anglicanismo, a líng  
terra. E hoje, — porque se não há-de dize  
para falar correntemente inglês: — basta p  
portuguesa de Moçambique.

Contemos connosco, pois! Com de  
tendo a certeza antecipada de que a salvaça  
gueses, ou não virá. E convençamo-nos d  
para sempre o problema interno, impossíve  
que nos embaraçam. Problema colonial! P  
nómico! Problema militar! — Mas quem os  
desordem? Os exploradores da anarquia  
resolvido no dia em que os que não têm  
em que agonizamos, cortarem definitivame  
nem pelos cabelos brancos de uns, nem pe  
E então nem trememos se nos falh  
ses, os grandes pregoeiros da desordem do  
nos apontar como *curiosité historique*, e n

o consintamos, primeiro, que as uma selecção ao contrário, em dade, o patriotismo, a consciên-rato das lentilhas.

da guerra, a Grã-Bretanha ne-as colónias portuguesas. Depois a frente, a ânsia imperialista in-u a Inglaterra, — as colónias ale-a Inglaterra que só não poderia azmente um comércio que amea-bominável, guerra dos mais sór-is alheia do que esta a qualquer riosa que perde a vitória dobrada

ameaçava, que fizemos nós para luta religiosa em que, na metrô-do. E enquanto abandonávamos guesas, substituídas em muitos amos a invasão das missões pro-mpreendia-se a fobia religiosa de eus da república: — o regalismo, uitas vezes os interesses da Igreja rmitiu que fôssem alvejados pelo

feito compreender, porém, como eles a razão nacional pudesse so-Em frente da imperiosidade de se que deviam cessar todos os ódios. m (civilizaram!) sem o auxílio da ória da civilização portuguesa se-greja? Há quem desanime perante onial, — porque Portugal é peque-os compararmos com a população rso sete ou oito milhões de portu-iciámos e realizámos os descobri-s o Brasil ao nível das nações civi-bia e prudente aliança dos comer-e a Alemanha enviar cem mil famí-Pode a Inglaterra prescindir do in-orque a sua população lho permite. lhe a língua, ensinar-lhe a religião

dos portugueses, (que será, enquanto portugueses formos), a católica, levanta-lo, enfim, até si. E como o há-de fazer senão insinuando-lhe como naturais dêle todas as ansiedades e todas as preocupações dos portugueses? Houve tempo em que *colonizar* era sinónimo de *catequizar*. E que outro nome mais glorioso lhe deveremos atribuir? Os jesuitas que no Brasil semeavam colégios, levanta-ram sempre no ânimo dos indígenas com o culto do verdadeiro Deus, o res-peito e o amor a Portugal. Não esqueçamos nunca a voz dos jesuitas, que em pleno século XVII reivindicaram para os índios a liberdade que as nações eu-ropeias só concederam aos negros no século XIX!

Não é, porém, com a remessa de missões civilizadoras, formadas sò-mente pelo refugio da politicagem nacional, — como se tem feito e se pretende continuar a fazer, que nós imprimiremos a Moçambique e a Angola o sêlo portu-guês que lhes falta ainda. Para que manter ilusões que só nos podem no fu-turo prejudicar? Não tenhamos dúvidas: — há cubiças tremendas a ameaçar a integridade dos domínios portugueses! E quando chegar o momento da crise, não contemos absolutamente com a aliança inglesa, se não tivermos anterior-mente valorizado o nosso esforço colonizador, fazendo dos indígenas portu-gueses tão portugueses como os da metrópole, — ensinando-lhes a língua e a reli-gião, catequisando-os enfim. Não é com empregados públicos, — repito, — que se criam nações! A Inglaterra, sem empregados públicos, está a anglicisar Mo-çambique pela opressão do rito escossês e com manter brigadas de missioná-rios que ensinam, com o anglicanismo, a língua inglesa e a admiração pela Ingla-terra. E hoje, — porque se não há-de dizer? — já não é preciso ir a Inglaterra para falar correntemente inglês: — basta permanecer algum tempo na colónia portuguesa de Moçambique.

Contemos connosco, pois! Com decisão, com energia, com violência, — tendo a certeza antecipada de que a salvação de Portugal há-de vir dos portu-gueses, ou não virá. E convençamo-nos de que sem resolvermos de uma vez para sempre o problema interno, impossível é resolver a miríade de problemas que nos embaraçam. Problema colonial! Problema financeiro! Problema eco-nómico! Problema militar! — Mas quem os há-de resolver? Os profissionais da desordem? Os exploradores da anarquia? Não! O problema nacional estará resolvido no dia em que os que não têm responsabilidades na desorganização em que agonizamos, cortarem definitivamente com os responsáveis, sem piedade nem pelos cabelos brancos de uns, nem pela falsa ciência de outros.

E então nem tremeremos se nos falhar a aliança inglesa, nem os france-ses, os grandes pregoeiros da desordem do ocidente europeu, se lembrarão de nos apontar como *curiosité historique*, e nada mais.